

A História Oculta do Verso Quarenta — Número Dezenove

O Segundo Ai — Parte Seis

Jeff Pippenger

2026-07-20

Os livros de Daniel e Apocalipse complementam-se mutuamente; isto é, juntos se aperfeiçoam.

“No Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se encerram. Aqui está o complemento do livro de Daniel.” Atos dos Apóstolos, 585.

Os reinos da profecia bíblica devem ser o foco do estudante da profecia, pois é ali que a história externa dos últimos dias é principalmente apresentada.

“Muito melhor é aprender, à luz da Palavra de Deus, as causas que governam a ascensão e a queda dos reinos. Estude o jovem esses relatos e veja como a verdadeira prosperidade das nações tem estado ligada à aceitação dos princípios divinos. Estude ele a história dos grandes movimentos reformadores e veja com que frequência esses princípios, embora desprezados e odiados, e seus defensores levados ao cárcere e ao cadafalso, por meio desses mesmos sacrifícios triunfaram.” Educação, 238.

As histórias sagradas, quer se trate dos “grandes movimentos reformadores”, quer da “ascensão e queda de reinos”; as histórias sagradas são uma questão de vida ou morte na Palavra de Deus. Paulo registrou, em II Tessalonicenses capítulo dois, que aqueles que não amam a verdade e que, depois disso, recebem forte ilusão, assim o fazem porque escolheram rejeitar a mensagem que Paulo identificou na passagem. A passagem identifica a relação de Roma pagã com Roma papal, a qual é também a relação de Pérgamo e Tiatira e também a relação de ferro e barro, bem como a relação do dragão com o papado. A ascensão de Roma papal, representada por Tiatira, e a queda de Roma pagã, representada por Pérgamo, é uma verdade que aqueles que recebem forte ilusão odeiam.

Na história milerita, a controvérsia entre os mileritas e os protestantes que encontrou lugar no gráfico pioneiro de 1843 dizia respeito a qual poder histórico era representado como os “salteadores do teu povo” no versículo quatorze de Daniel onze. Eram os salteadores a ascensão da Roma pagã, como sustentavam os mileritas, ou era a queda dos selêucidas, como afirmavam os protestantes?

“Cada nação que surgiu no palco da ação recebeu permissão para ocupar o seu lugar na terra, a fim de que se visse se cumpriria o propósito do ‘Vigilante e Santo’. A profecia traçou a ascensão e a queda dos grandes impérios do mundo — Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Com cada um destes, como com nações de menor poder, a história repetiu-se. Cada qual teve seu período de prova, cada qual falhou, sua glória desvaneceu-se, seu poder desapareceu, e o seu lugar foi ocupado por outro....”

“Da ascensão e queda das nações, conforme claramente expostas nas páginas da Sagrada Escritura, elas precisam aprender quão sem valor é a mera glória exterior e mundana. Babilônia, com todo o seu poder e a sua magnificência, cujos semelhantes o nosso mundo jamais voltou a contemplar desde então,—poder e magnificência que, ao povo daquele tempo, pareciam tão estáveis e duradouros,—quão completamente desapareceu ela! Como ‘a flor da erva’, pereceu. Assim perece tudo o que não tem a Deus por fundamento. Somente aquilo que está vinculado ao Seu propósito e expressa o Seu caráter pode permanecer. Seus princípios são as únicas coisas firmes que o nosso mundo conhece.” Education, 177, 184.

A história bíblica é a visão cuja falta, segundo disse Salomão, leva à ruína. Os mileritas reconheceram e proclamaram os cento e cinquenta anos representados como “cinco meses” em Apocalipse, capítulo nove, versículos cinco e dez, mas não sondaram profundamente a história representada no capítulo nove de Apocalipse. Identificaram corretamente os cinco meses do versículo dez, mas evidentemente pensaram que, porque os versículos cinco e dez contêm ambos a expressão “cinco meses”, isso simplesmente representava uma ênfase sobre a profecia do tormento representada em ambos os versículos. Demonstra-se agora facilmente que, quando o versículo cinco representa “cinco meses”, ele representa cento e cinquenta anos que começaram com a morte de Maomé, em 632, e terminaram em 782 com a humilhação da imperatriz Irene do Império Bizantino, ou Império Romano do Oriente.

Os pioneiros estavam corretos em sua aplicação do versículo dez à batalha de Nicomédia em 27 de julho de 1299 como o início de cento e cinquenta anos que se concluíram com a humilhação do último Constantino a reinar em Constantinopla em 27 de julho de 1449. Linha sobre linha, um período de cento e cinquenta anos identifica o Islã mundial, representado tanto pelo primeiro ai, o Islã da Arábia, quanto pelo segundo ai, o Islã da Turquia. O Islã que humilhou tanto o imperador quanto a imperatriz em conjunto identifica o Islã mundial conquistando um reino que consiste de uma mulher, representada por Irene, e de um homem, representado por Constantino, o último.

Nos cento e cinquenta anos que terminam com a humilhação de Irene, o islamismo da Arábia assume o controle da área ou território de Bizâncio, deixando Irene em posição tão humilhada que ela foi obrigada a pagar tributo por três anos, entre outras exações. Quando ocorreu a humilhação de Constantino, o último, ela assinalou o início de um período de quatro anos que termina com um cerco e a derrubada da capital da Roma oriental. Em ambos os casos foi o islamismo: o islamismo árabe para Irene e o islamismo turco para Constantino, o último. Nos últimos dias, o islamismo mundial, conforme representado pelas duas testemunhas do islamismo árabe e do islamismo turco expostas no primeiro e no segundo ais, primeiro tomará o território, e depois a capital. A entidade política dos últimos dias, representada por Constantino da Roma oriental, está simbolicamente casada com a entidade religiosa dos últimos dias, representada por Irene da Roma oriental. Emprego a expressão entidade política e religiosa para indicar que o símbolo da imagem da besta ocorre primeiro nos Estados Unidos e depois no mundo. A imagem da besta é o casamento simbólico de Constantino e Irene, ambos humilhados por perderem seu território e sua capital para o islamismo.

Seu casamento é identificado pelo alinhamento das duas histórias, e foi tipificado pelo casamento entre Constância e Licínio em 313, quando o Edito de Milão foi posto em vigor, e a igreja simbólica de Esmirna terminou e a igreja simbólica de Pérgamo começou. Aqueles que Paulo identifica como recebendo forte ilusão recusam-se a ver a mensagem de advertência de Paulo, que inclui uma apostasia, antes que o homem do pecado seja revelado. A apostasia ocorre na história de Pérgamo, e o homem do pecado foi revelado em 538; então começou a igreja de Tiatira.

Ninguém, de modo algum, vos engane; porque isso não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus, ou é objeto de culto; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus. 2 Tessalonicenses 2:3, 4.

A história de Roma oriental fornece duas testemunhas da verdade profética que também está representada na relação simbólica de Roma oriental com Roma ocidental. Nessa relação, Roma ocidental é a igreja e Roma oriental é o Estado. Roma é uma combinação de igreja e Estado, conforme representada como ferro e barro em Daniel, capítulo dois.

Uma razão pela qual se pode ver de modo convincente que, nos últimos dias, o Islã mundial vem contra um poder representado como uma combinação de igreja e Estado, tomando-lhe o território e a capital, é sustentada por outras duas testemunhas da história sagrada de Apocalipse nove. Osman conquistou o território de Nicomédia em 27 de julho de 1299, e então conquistou o território de Niceia dois anos depois, em 1301. Seu filho conquistou a cidade capital de Niceia em 1331, e o mesmo filho conquistou a cidade capital de Nicomédia em um cerco de quatro anos que terminou em 1337. Os pioneiros assinalaram 27 de julho de 1299 com Osman, mas nunca consideraram a batalha seguinte, a batalha de Niceia, como o segundo passo histórico para o estabelecimento do Império Otomano. 27 de julho de 1299 foi o primeiro passo de vários passos para alcançar a lei dominical. Os dois primeiros passos do Islã turco identificaram o início de uma profecia que terminou em 1449, depois novamente em 1840, depois novamente em 11 de setembro e depois novamente em 31 de dezembro de 2023.

O primeiro desses dois passos marcou não somente o início de cento e cinquenta anos, mas também marcou o começo de trinta e oito anos. Começou quando Osman tomou o território de Nicomédia, e terminou trinta e oito anos depois, quando o filho de Osman tomou a cidade capital de Nicomédia ao término de um cerco de quatro anos, em 1337. O número trinta e oito representa “levantar-se”, e o passo inicial de Osman ao tomar o território assinalou o levantar-se do islã turco. Nesse primeiro passo de trinta e oito anos, um cerco de “quatro anos” assinala a conclusão. No último passo dos cento e cinquenta anos, a humilhação é infligida e, quatro anos depois, em 1453, a capital de Roma oriental é tomada.

Quer se trate dos turcos otomanos em 1453, quer do filho de Osman tomando tanto Nicomédia em 1337 quanto Niceia em 1331, em todas as três ocasiões cada cidade capital havia servido, em algum momento da história, como capital de Roma oriental. Todas as três linhas identificam a conquista de Roma oriental. Cada uma dessas três linhas identifica o Islã conquistando primeiro o território e, posteriormente, a capital de Roma oriental. O nome das três capitais é o mesmo que o

nome do território. Cada uma das três linhas possui figuras históricas distintas de alfa e ômega. Ao identificar uma relação entre Igreja e Estado com a humilhação, pelo Islã, tanto do imperador quanto da imperatriz, a humilhação profética une suas linhas a Roma ocidental, que também foi humilhada por Constantino, o Grande, quando ele escolheu Constantinopla em vez da cidade de Roma, em 330. A humilhação final de Roma ocidental ocorreu em 476 com o último imperador, e a partir de então continuou a declinar rapidamente.

Roma Ocidental, em relação a Roma Oriental, era a igreja; o Oriente era o Estado. Humilhação no princípio, em 330; depois, humilhação em 476; e então em 782; e depois novamente em 1449. Uma linha de humilhação que começa com a divisão de um reino, seguida, em 476, pela humilhação de perder o imperador e, portanto, o império, para então ser seguida pelo islamismo, trazendo humilhação primeiro ao território do Oriente em 782 e, depois, à capital do Oriente em 1453.

O islamismo da profecia bíblica traz à luz a linha tanto da Roma oriental como da ocidental, e a luz que o islamismo está produzindo hoje está em concordância com a luz fundamental que o islamismo representou para os pioneiros mileritas, mas vai muito além dela. O tempo de prova que começou em 2024 com quem são “os roubadores do teu povo, os que estabelecerão a visão” foi o alfa do período de prova, e agora, no fim do período de prova, a luz proveniente do tema do islamismo em Apocalipse capítulo nove acrescenta testemunhas da Roma ocidental e oriental que jamais foram examinadas até estes atuais últimos dias.

As linhas proféticas do Islã, representadas nos capítulos nove a onze, reúnem as linhas da história situadas nos versículos dez a dezesseis de Daniel onze, ao fornecer testemunhos que se conectam com linhas já em discussão nestes artigos. Mas, dentro da ilustração profética da ascensão do Islã, encontra-se a ascensão tanto do movimento dos mileritas quanto do movimento dos cento e quarenta e quatro mil. Dois períodos de quatro anos, firmemente situados dentro das profecias de tempo de Apocalipse nove e como parte delas, fornecem testemunho dos quatro anos de 1840 até 1844. Em 1844, já não há mais tempo profético, de modo que o período simbólico de quatro anos é definido por suas características proféticas, e não pelo tempo. O primeiro período de quatro anos identifica o Islã conquistando Nicomédia, a antiga capital romana oriental, em 1337, trinta e oito anos depois de seu pai conquistar o território. O segundo período de quatro anos identifica a humilhação dos governantes políticos e religiosos da Roma oriental em 1449, ocasionada pelo Islã; e os terceiros quatro anos identificam uma gloriosa manifestação do poder de Deus, quando o anjo que iluminou a terra com a sua glória desceu em 11 de agosto de 1840.

A história milerita do primeiro e do segundo anjo está em harmonia com a história do terceiro anjo durante o selamento dos cento e quarenta e quatro mil. Essa obra final de selamento é o apagamento do pecado; é a combinação da Divindade com a humanidade e ocorre durante uma guerra que está sendo trazida pelo islã.

E abriu o poço do abismo; e subiu fumaça do poço, como a fumaça de uma grande fornalha; e o sol e o ar escureceram por causa da fumaça do poço. E da fumaça saíram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como os escorpiões da terra têm poder. E foi-lhes ordenado que não fizessem dano à erva da terra, nem a coisa verde alguma, nem a árvore alguma; mas

somente àqueles homens que não têm o selo de Deus em suas testas. Apocalipse 9:2-4.

O cumprimento perfeito de toda profecia ocorre nos últimos dias, de modo que esta passagem está identificando o selamento dos cento e quarenta e quatro mil. A profecia do islamismo em Apocalipse nove fornece a chave histórica para reunir a mais completa ilustração do poder que estabelece a visão na história que culminou em 11 de agosto de 1840, quando o islamismo foi refreado. A partir desse ponto, o testemunho de Apocalipse nove se estendeu até o capítulo dez e a história do primeiro e do segundo anjos. Então, no capítulo onze, o terceiro ai chega subitamente na lei dominical, quando começa o alto clamor do terceiro anjo. O capítulo nove é a chave do islamismo na organização da ascensão e queda de reinos apresentados em Daniel e no Apocalipse. Os capítulos dez e onze identificam a experiência das cento e quarenta e quatro mil virgens prudentes. O capítulo nove identifica o símbolo que estabelece a visão externa, e os capítulos dez e onze identificam a visão interna associada a seguir o Cordeiro ao Lugar Santíssimo.

O capítulo dez de Apocalipse abre com Cristo como o anjo poderoso que desce com um livrinho aberto. Esse acontecimento cumpriu-se em 11 de agosto de 1840, na conclusão da profecia de Apocalipse nove, que identifica trezentos e noventa e um anos e quinze dias. Apocalipse dez identifica a história daí em diante até que a mensagem se tornou amarga no estômago de João em 22 de outubro de 1844. Os quatro anos de 1840 a 1844 começam com a chegada do primeiro anjo e terminam com a chegada do terceiro anjo. Esses quatro anos que se seguiram ao cumprimento de 11 de agosto de 1840 foram tipificados por quatro anos, de 27 de julho de 1449 até 1453, no início dos trezentos e noventa e um anos e quinze dias. Ambos esses períodos de quatro anos se alinham com os quatro anos do cerco de Nicomédia, de 1333 até 1337. Simbolicamente, Roma oriental foi conquistada pelo islamismo três vezes. A primeira foi no cerco de Niceia, em 1331; depois, no cerco de quatro anos de Nicomédia, em 1337; e, então, no cerco de Constantinopla, em 1453.

Diocleciano dividiu legalmente Roma em Oriente e Ocidente em 393, e Constantino dividiu profeticamente Roma em Oriente e Ocidente em 330. Em 395, por ocasião da morte do imperador Teodósio I, o império foi formal e permanentemente dividido, ao legar ele o Oriente e o Ocidente a seus dois filhos. A Igreja Católica dividiu-se em Oriente e Ocidente em 1054, no “grande cisma”. A divisão foi gradual, assim como o declínio que se seguiu. A divisão permanece até o presente dia. Dentro de cinquenta anos a partir dessa data, a igreja ocidental em Roma iniciou aproximadamente duzentos anos de cruzadas contra o islamismo. Roma Ocidental caiu quando perdeu seu último imperador, em 476. Roma Oriental caiu em 1453. Roma Papal caiu em 1798. A Roma pagã dividiu-se em Oriente e Ocidente em 393, 330 e 395. A Roma Papal dividiu-se em Oriente e Ocidente em 1054. A irmã White identifica a ascensão e a queda de reinos como um ponto primário de referência no estudo da Palavra de Deus.

Os reinos que são trazidos à luz da história a partir do capítulo nove de Apocalipse fortalecem o argumento de que é Roma que estabelece a visão. A conexão profética entre o islamismo e os cento e quarenta e quatro mil é evidência de que a mensagem do clamor da meia-noite, que foi tipificada por Cristo entrando em Jerusalém montado num jumento, é representada por uma profecia de tempo que começou no tempo do primeiro ai, prosseguiu na segunda parte da profecia no segundo ai, e alcançou seu cumprimento na história de quatro anos em que o movimento milerita do

primeiro e do segundo anjos teve início com o cumprimento dessa mesma profecia. A profecia começou com o símbolo de “trinta e oito e dois ano” (1299 e 1301) anos, assinalando a ascensão do islamismo, e concluiu com o símbolo de “trinta e oito e dois ano” (1838 e 1840), assinalando a ascensão dos mileritas.

Em 1844, ao término do período de quatro anos dos mileritas, que havia sido tipificado pelo cerco de 1333 a 1337, e de 1449 até o cerco de 1453, o tempo profético não mais deveria ser aplicado. O erguer do estandarte dos cento e quarenta e quatro mil está diretamente ligado à profecia em que o Islã é erguido.

Judá, tu és aquele a quem teus irmãos louvarão; a tua mão estará sobre a cerviz de teus inimigos; os filhos de teu pai se inclinarão diante de ti. Judá é um filhote de leão; da presa, meu filho, subiste; encurva-se e deita-se como leão, e como leão velho; quem o despertará? O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador de entre os seus pés, até que venha Siló; e a ele se congregarão os povos. Amarrando o seu jumentinho à vide, e o filho da sua jumenta à vide excelente; lavou as suas vestes no vinho, e a sua roupa no sangue das uvas. Os seus olhos serão vermelhos de vinho, e os seus dentes brancos de leite. Gênesis 49:8–12.

Os cento e quarenta e quatro mil refletem perfeitamente o caráter de Cristo, e Cristo é, entre outras representações simbólicas, “a vide escolhida”. Ismael é identificado como um homem “selvagem” em Gênesis 16:12.

E ele será um homem feroz; a sua mão será contra todos, e a mão de todos, contra ele; e habitará na presença de todos os seus irmãos.

A palavra traduzida como “selvagem” é a do jumento árabe selvagem. Os representantes de Cristo nos últimos dias cavalgam sobre a mensagem do jumento árabe selvagem, o jumento em que Cristo entrou em Jerusalém, o jumento que finalmente falou depois de Balaão o ter ferido pela terceira vez. A mensagem que fortaleceu a mensagem do primeiro anjo em 1840 não discerniu uma profecia relevante e importante de cento e cinquenta anos na própria história profética em que se encontrava a mensagem que fortaleceu o movimento. Eles não viram dois períodos de quatro anos nessa mesma profecia de tempo que tipificavam a história de 1840 até 1844. O Leão da tribo de Judá está agora a abrir luz dos “antigos caminhos” que nunca antes fora vista, e é uma luz que está em harmonia com aquela luz que vem sendo aberta desde 31 de dezembro de 2023. Ela remove quaisquer dúvidas quanto a ser o islamismo aquilo que fere Nashville. A luz ilumina o símbolo de Roma, tornando-se assim uma declaração ômega para a controvérsia alfa em 2024 acerca dos roubadores do teu povo, e é também o símbolo ômega do argumento acerca do mesmo símbolo na história milerita. Ela identifica que o islamismo das profecias de tempo de Apocalipse nove é a mensagem externa durante a história interna do tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil. Temos ensinado este fato já há algum tempo, mas agora ele pode ser demonstrado em uma única linha que começa em Apocalipse nove e termina em Apocalipse onze. O terceiro período de quatro anos ligado à profecia de tempo do islamismo, que se cumpriu de 1840 até 1844, ilustra o tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil. Pelo grande terremoto de Apocalipse onze, os cento e quarenta e quatro mil são erguidos como um estandarte.

Em Ezequiel trinta e sete, o levantar do povo de Deus como um exército é um processo em duas etapas, que havia sido tipificado pela criação de Adão. Primeiro, Adão foi formado do barro; depois, Cristo soprou nele o fôlego de vida. Em Ezequiel, a primeira profecia forma os corpos mortos, mas eles continuam mortos. Então, os quatro ventos sopram sobre os corpos, e eles se levantam como um poderoso exército. Os números trinta e oito e quarenta representam essas duas etapas.

Continuaremos estas coisas no próximo artigo.

Depois disso, havia uma festa dos judeus; e Jesus subiu a Jerusalém. Ora, há em Jerusalém, junto ao mercado das ovelhas, um tanque, chamado em hebraico Bethesda, que tem cinco alpendres. Nestes jazia grande multidão de enfermos, cegos, coxos, mirrados, esperando o movimento da água. Porque um anjo descia em certo tempo ao tanque e agitava a água; e o primeiro que ali descia, depois do movimento da água, sarava de qualquer enfermidade que tivesse. E estava ali um homem que, havia trinta e oito anos, padecia de uma enfermidade. Quando Jesus o viu deitado e soube que já estava assim havia muito tempo, disse-lhe: Queres ser curado? O enfermo respondeu-lhe: Senhor, não tenho homem algum que, quando a água é agitada, me ponha no tanque; mas, enquanto eu vou, desce outro antes de mim. Jesus disse-lhe: Levanta-te, toma o teu leito e anda. Imediatamente o homem ficou curado, tomou o seu leito e andava; e aquele dia era sábado. João 5:1–9.

Levantai-vos agora, disse eu, e passai o ribeiro de Zerede. E passamos o ribeiro de Zerede. E o tempo em que caminhamos desde Cades-Barneia, até passarmos o ribeiro de Zerede, foi de trinta e oito anos; até que toda aquela geração dos homens de guerra se consumiu do meio do arraial, como o Senhor lhes jurara. Deuteronômio 2:13, 14.